

A RESTAURAÇÃO

REDACÇÃO

Séde social da empresa

Rua de D. João I, 13—1.º andar
GUIMARÃES

SEMENARIO CATHÓLICO

Director e proprietario — Antonio Luis da Silva Dantas

Editor — João P. d'Oliveira Bastos

ADMINISTRAÇÃO

Officinas de composição e impressão

Typographia Minerva Vimaranense

Rua de Payo Galvão

TRISTE!

Ainda dizem que não ha Deus! Se elle não existisse, era preciso inventá-lo, como disse alguem.

O que sam os homens e as coisas deste mundo!... Naquelles dias em que nas principaes terras de Portugal se davam clamorosos vivas à liberdade, e em que uma grande parte de cidadãos se ufanavam de ter quebrado o jugo da tyrannia, apparecia publicado no *Diario do Governo* um decreto monstruoso, que negava abertamente os direitos mais sagrados a uma classe de pessôas que pleiteiam benemerências a todos os mais afamados philantrôpos.

Que pungentissima ironia, que atrocissima amargura para todos aquelles a quem, no dia em que se acclamava delirantemente a liberdade, ella foi toda negada sem a menor consideração! Que dôr de alma não invadiria aquelles que, tendo servido a nação com desinteresse incomparavel, com um amor dedicadissimo, se viram compellidos, em nome da liberdade triumphante, a ir comer o duro pão do exílio!

Naquella occasião em que se proclamava um regime novo, que tem por lemma a doce palavra *fraternidade*, muitos irmãos nossos, a quem os seus mais ardentes inimigos não foram capazes de provar um crime sequer, sam postos fora de fronteiras, como se fossem um perigo nacional!...

Dizem alguns dementados que não ha Deus!... E então estas injustiças, que repugnam a todas as almas rectas, que revoltam todas as consciências puras, ham de ficar impunidas?!

Não, não pode ser. Nós precisamos inevitavelmente duma justiça futura, duma justiça eterna, que restabeleça esta insupportavel desordem.

Essa justiça existe, e não pode deixar de existir. Se não houvesse outras razões para fazerem crer nella, bastava-me esta: ver a serenidade, a resignação, a dignidade, com que homens e mulheres innocentes soffrem os mais humilhantes ultrajes, as penas mais duras, as perseguições mais atrozes.

Se não existisse uma justiça futura, como se poderia explicar a mansidão, a fortaleza, a quietação de tantos innocentes no meio das maiores tribulações?

O que é este mundo!... Como correm as coisas deste mundo!... Um regime que se intitula democrático e que, portanto, deve obterperar à vontade do povo, expulsa das suas casas e exula para terras estrangeiras cidadãos prestantíssimos e damas benemeritas, unicamente para satisfazer o ódio, a raiva, o rancor duma deminuta minoria da nação!

Onde estão as manifestações geraes, constantes, sinceras, conscientes do povo português para justificar uma tam cruel perseguição? Onde está o respeito dos direitos individuaes? Onde está a garantia de que ninguem pode ser perseguido pelas suas opiniões pessoaes?

Que tristeza no meio de tudo isto!... Como o novo regime, que desde o seu início podia captar as sympathias de todo o país, se apresenta sombrio, torvo, minaz, truculento!...

Como elle começa desde já a calcar aos pés a bella trilogia da sua bandeira!

E' certo que fora do Evangelho não ha, nunca houve, nem pode haver verdadeira liberdade, justiça inteira, fraternidade sincera.

Nós o estamos a ver aí agora. Em nome da liberdade decretam-se leis de excepção; em nome da justiça condemnam-se innocentes; em nome da fraternidade expulsam-se do torrão pátrio compatriotas dos mais prestadios.

Apregha-se apaziguamento, e semeiam-se ódios; promettem-se progressos, e fazem-se derrocadas; falla-se em instrucção, e fecham-se escolas.

Estes contrastes, estas contradicções, estas incoherências, estas incompatibilidades causam nas almas puras uma impressão dolorosissima e fazem-lhes prever dias funestos.

Que grandes calamidades pesam sobre esta infelicissima nação! Outrora tam grande, tam gloriosa, tam respeitada em todo o mundo, e hoje tam abatida, tam humilhada, tam desprezada em toda a parte!

Divorciou-se de Deus, ou, melhor, consentiu que a divorciassem de Deus, e agora está a soffrer o castigo do seu crime.

P. A.

«Os principes não ham de ter vontade, mas razão.»

Conde de Marialva.

O JORNALISMO CATHÓLICO

II

MÁRIO. — Mas então como ha elle de fazer para publicar, numa folha que supomos justamente politica, religiosa, etc., artigos que tenham por fim a defesa, a explicação e a illustração da nossa santa religião?

D. EUSÉBIO. — A resposta é fácil. Não sabendo escrever como convem, que recorra a quem o saiba fazer. Quando num periódico se quer tratar de medicina, de sciência ou de arte, é evidente que se não vai pedir a collaboração do primeiro que appareça, mas sim a de homens competentes, e, se é possível, a de especialistas. Por que é que se não ha de fazer o mesmo em matéria de religião? Nisto mais que em qualquer outra matéria se deve ter esse cuidado, porque os erros commettidos aí sam muito mais funestos (1).

ALEXANDRE. — Sem dúvida, meu querido tio, que tendes razão em exigir que, sem competência, se não toque nas questões religiosas e se evitem as heresias. Deveis todavia convir commigo em que, a maior parte das vezes, as proposições censuradas em certos periódicos cathólicos não sam rigorosamente proposições heréticas, mas antes phrases, expressões obscuras, inexactas, equívocas, que se prestam, é certo, a ser malignamente interpretadas e a receber uma significação incompletamente orthodoxa, mas que tambem se podem tomar em sentido favoravel. Parece-me que em tal caso se não devia fazer tamanho escarceu contra aquelles que, insufficientemente instruidos da exactidão verbal obrigatória em matéria religiosa, deixam facilmente escapar phrases e expressões duma orthodoxia larga demais. Julgo até que elles devem ser lastimados.

D. EUSÉBIO. — Advirto, primeiramente, que aqui não tratamos do que faz que alguem mereça ou não ser lastimado; mas sim do que pode e do que não pode approvar-se, do que deve e do que não deve evitar-se. Podem causar-nos pena muitas palavras e muitos factos, que comtudo se devem altamente reprovar e evitar com cuidado. Sabe se, em segundo lugar, que essas phrases e essas expressões equívocas e obscuras, que se prestam, apesar das intenções do auctor, a interpretações heterodoxas, constituem realmente uma grave desordem na matéria de que se trata. Deve-se ver nellas um dos defeitos mais censuraveis e mais funestos de que se pode tornar culpado um escriptor religioso (2). E por quê? Porque, se ellas não sam rigorosamente proposições heréticas, fazem todavia o mesmo mal que as proposições heréticas, e muitas vezes ainda maior. De facto insinuam, inoculam o veneno da heresia sem terem disso a apparencia. Se fossem abertamente contrárias à nossa santa fé, atemorizariam muitos espiritos, e, ape-

nas conhecidas, seriam detestadas. Occultando-se sob o veu da obscuridade e do equívoco, logram penetrar nas almas e levar a ellas a confusão e desordem, que as dispõem para os mais funestos erros. Daqui vem que os próprios herejes mais habeis e perigosos, para levarem a cabo o seu plano de espalhar o erro, se têm sempre acautelado bem de formular proposições abertamente heréticas; antes têm mostrado sempre tendência para proceder por meio de phrases equívocas e obscuras, a fim de poderem operar uma retirada em tempo opportuno, se encontram alguma opposição, e desculpar-se com o pretexto de má interpretação dada às suas palavras. Esta arte não é nova. Por isso, a vista de escriptores que, embora theólogos e letrados, se comprazem habitualmente em usar, nas suas obras, de phrases e expressões ambiguas, susceptiveis de interpretações heterodoxas, dizemos que esses escriptores atraíam as almas e procuram envenená-las com os erros contra a fé, que elles propagam por modo insensível e occulto. Se um médico, chamado para tratar dum enfermo, usasse frequentemente, nas suas receitas, de termos tam vagos que tanto pudessem designar venenos como remédios necessários, decerto não o desculparieis. Dirieis que elle era um assassino, e tinheis razão; porque uma linguagem constantemente ambigua em matéria tam delicada e tam grave não se poderia explicar doutro modo num homem que devia conhecer a sua arte. O mesmo deveis dizer dum escriptor, sobre tudo se se trata dum ecclesiástico, dum prégador que, repetidas vezes, no conjunto de seus escriptos e de seus discursos, se não peja de empregar uma linguagem ambigua, capaz de insinuar graves erros, em matéria de fé, nas multidões e de gerar escândalos cujo effeito se não pode destruir senão à custa de retractações (1).

MÁRIO. — Compreendo muito bem, querido tio, a necessidade de se ser exacto na exposição e solução das questões religiosas, de modo que se evite em toda a proposição tanto a apparencia da heresia como a sua realidade. Mas, por outro lado, estamos assistindo frequentemente a um facto lastimoso, que vem a ser: multidão de periódicos sam muitas vezes tratados como anticathólicos e accusados de desempenhar o papel de inimigos da Igreja por causa de certas phrases, de certas expressões, que de nenhum modo se podem convencer de heresia e que não têm obscuridade nem sentido equívoco, que possa dar lugar à suspeita de serem della infectadas. Neste caso pois a fé não está em perigo. A prova irrefutavel disto está em que então não se trata de pontos a cujo respeito a Igreja tenha já emitido alguma definição. Por isso não vejo a causa do implacavel encarniçamento de que esses periódicos sam objecto.

D. EUSÉBIO. — Tu sabes, queri-

do Mário, que eu procedo sem artificio. Não hesito em dizer-te que o teu raciocínio vacilla por diferentes lados. Concedo-te de boa mente que as phrases e proposições incriminadas nem sempre sam taes, que possam ser tomadas em sentido herético; mas nego que isto baste para que a fé não corra perigo. Ha muitas theorias, proposições e phrases, que, sem serem heréticas e sem poderem dar lugar à suspeita de heresia, causam comtudo grande prejuizo à fé. Entre as proposições emittidas apparecem algumas que não sam heresias, mas que muito se approximam disso: estas falsas, aquellas escandalosas, aquelloutras temerárias. Tudo isto prejudica a pureza da fé e merece uma censura sem restricção (1). Ha muitas doenças e enfermidades, como sabes, que não causam immediatamente a morte, e das quaes, apesar disso, todos se acautelam, porque ellas conduzem à morte. Ha igualmente muitas doutrinas perversas, que, sem exporem immediatamente os seus partidários ao naufrágio da fé, fazem grave damno à religião. E quem é que não sabe que, a querermos ser lógicos, do mesmo modo que o facto de admittirmos uma verdade nos obriga a admittirmos outras, assim tambem a adhesão a um erro nos arrasta a adoptar outros, que acabam por ser heresias? Eiz por que a santa Igreja se não limita a censurar as proposições heréticas, senão que condemna muitas outras, umas como próximas da heresia, outras como falsas ou escandalosas. Quem se não acautelava de taes proposições, não pode gloriar-se de ser bom cathólico; e os periódicos que se deixam levar a profissão de taes principios, não só não fazem obra de bons cathólicos, mas podem ser justamente comparados com as folhas heréticas. E é aliás sabido que estas mesmas não costumam emittir sempre proposições heréticas ou ambiguas: a maior parte das vezes comecam por sustentar proposições simplesmente próximas da heresia sem nella cair ainda. A' vista disto podes comprehender quanto é falsa quelloutra consequência que tiravas do facto de que a santa Igreja não tenha ainda fixado certos pontos como dogmas: consequência segundo a qual se pode seguir livremente, sobre esses pontos, esta ou aquella opinião, sem que a fé corra perigo. Esta consequência foi expressamente condemnada pelo Papa Pio IX no 22.º artigo do *Syllabus*. Segundo este artigo, devemos julgar-nos obrigados a admittir não só as coisas que a santa Igreja promulga como dogmas, senão ainda multidão doutras verdades propostas à nossa fé, posto que ainda não estejam definidas (2).

(1) Const. *Dei Filius*.

(2) Eiz a proposição condemnada: «*Obligatio, qua catholici magistri et scriptores omnino adstringuntur, coartatur in iis tantum, quae ab infallibili Ecclesiae iudicio veluti fidei dogmata ab omnibus credenda proponuntur.*» A' proposição do *Syllabus* de Pio IX cumpre ajuntar a 8.ª proposição do Decreto *Lamentabili* (3 de julho de 1907) emanado do Pontífice actualmente reinante: «*Ab omni culpa immunis existimandi sunt, qui reprobationes a Sacra Congregatione Indicis aliusue Sacris Romanis Congregationibus latas nihil pendunt.*»

(1) *Encycl. Pascendi*.
(2) «*Cum haereticis nec nomina debemus habere communia, ne eorum errori fauere videamur.*» S. Thom., p. 3.ª q. 16, a. 8 in corp.

(1) O *Cardial de Lugo* diz que semelhante linguagem está justamente exposta às censuras dos Inquisidores da fé como grandemente prejudicial à religião. (*De virtute fidei divinae*, disp. 20, n. 134.)

«Antes quero offender com a verdade, do que agradar com a lisonja.»

Séneca.

Representação

Vai ser enviada ao governo a seguinte representação:

Snr. Presidente:

Os cathólicos de Portugal que, sempre fieis aos seus princípios, desde logo se submeteram aos novos poderes constituídos, vêm, usando do direito de representação, que é garantido em todos os regimes livres, afirmar a V. Ex.^a a sua justíssima magua pela orientação que o Governo Provisório da República tem tomado em assumptos religiosos.

Contra as medidas já decretadas, o nosso respeitoso mas veemente protesto.

Quanto às medidas a tomar, lembramos, com a serenidade de quem reivindica um direito, que somos cidadãos portugueses, a grande maioria do país e que não é lícito coagir as nossas consciências a aceitar um estado de coisas que nos repugna e nos cria uma situação de estranhos na própria Pátria, que devotadamente amamos e onde, há séculos, o espírito christão vem operando maravilhas na educação e na beneficência.

Não é lei justa, Snr. Presidente, a que não respeita os direitos da consciência colectiva.

Em nome, pois, desta, da História e da Justiça, representamos a V. Ex.^a para que não seja oprimida a nossa consciência, para que os nossos direitos sejam respeitados e acima de indicações theóricas, contestáveis, se ponham sempre os sagrados interesses da nação.

Condições—1.^a As assignaturas devem vir em papel de 25 linhas de qualquer cor ou ao menos esse formato;

2.^a Enviamos os exemplares que nos pedirem da representação e podem as assignaturas ser feitas nesse mesmo papel;

3.^a Podem assignar pessoas de ambos os sexos de 15 annos pelo menos;

4.^a As assignaturas devem ser authenticadas por tabelião, carimbo da associação, parochico, casa commercial ou entidade semelhante;

5.^a E' conveniente indicar-se a morada e profissão mas não é necessario;

6.^a Cada collecter terá a bondade de mandar o mais cedo possivel para a rua de Passos Manuel n.º 54, Porto, as assignaturas.

Que todos se apressem a mostrar que sam verdadeiros christãos, com a coragem para a lucta que dá uma fé ardente e a certeza do triumpho, que dá a justiça da causa.

Pedimos a todos os collegas o obsequio de transcrever a representação e notas, o que desde já agradecemos.

A comissão delegada,

Dr. Alberto Pinheiro Torres.
Dr. Arthur Leite de Amorim.
Dr. Sebastião dos Santos Pereira de Vasconcellos.

A's recommendações da illustre comissão juntamos o nosso pedido a todos os nossos leitores, para que desenvolvam todo o seu zelo em assignar e angariar assignaturas para a representação nas condições indicadas.

Nunca os cathólicos portugueses tiveram mais urgente necessidade de trabalhar pela sua santa religião. E o trabalho que, relativamente à representação, se lhes pede, é bem módico. Ninguém se negue a elle.

Se algum collecter de assigna-

turas se quiser poupar ao trabalho de as mandar ao seu destino, pode entregá-las nesta redacção, que de boa mente se encarrega disso.

E' preciso não haver delongas. Trata-se da causa de Deus e das almas.

«O homem prudente deve lembrar-se das coisas passadas, operar as presentes, e acautelar-se para as futuras.»

Isócrates.

Deus não dorme...

Acabamos de ler na imprensa do Porto a seguinte noticia, sob a epigraphe de "*Escola Industrial Infante D. Henrique*,":

«Foi nomiado director desta escola o professor-secretário snr. Adolpho Salazar, em substituição do snr. dr. Abúndio da Silva, que foi exonerado daquelle cargo.»

Os leitores ainda se lembram dos passos que o director do *Correio do Norte* deu para obter do snr. Teixeira de Sousa aquelle logar. E tambem não esqueceram que, apenas proclamada a república, o mesmo escriptor correu a protestar a sua adhesão às novas instituições.

Temos pena de que tudo isso —que aliás não havia de custar muito ao feito do snr. Abúndio— viesse a parar no que as noticias dizem.

Mas achamos muita razão às auctoridades republicanas, quando as vemos conceituar devidamente os adherentes da última hora. E sam tantos os desinteressados!...

Quanto mais nobre e sympathica não é, aos olhos de amigos e adversários, a sorte daquelles que soffrem o golpe sem terem feito, para o evitar, qualquer coisa que pudesse ser desfavoravelmente julgada?

«Antes quero que se diga: *Por que não tem Catão uma estatua?*, do que: *Porque levantaram a Catão uma estatua?*»

Catão Sénior.

APOSTOLADO DA ORAÇÃO

Participa-se a todos os Centros do Apostolado da Oração em Portugal que o rev. dr. Francisco Rodrigues da Cruz fica exercendo o logar de director diocesano (até aos ultimos acontecimentos exercido pelo snr. Padre Bento José Rodrigues); para elle é que deve ser enviada toda a correspondencia relativa á parte espirital.

Pede-se tambem a todos os Centros que *recebiam bilhetes de folhas imagens* que agora os requisitem, indicando o *seu numero*, para a administração do Mensageiro do Coração de Jesus e que enviem *nomes* de assignantes do mesmo mensageiro, que deve sair brevemente, pois que a sua escripturação se perdeu.

O Mensageiro de Maria, relativo ao mês de outubro, está sendo expedido a todos os assignantes.

Toda a correspondencia relativa á redacção e administração deve ser dirigida para a Casa Catholica, 133, rua dos Poyaes de S. Bento, 135—Lisboa.

«O verdadeiro amigo, no tempo próspero, deve ser chamado; no adverso, não deve esperar que o chamem.»

Demócrito.

O caminho para a guilhotina

O caso seguinte vem narrado na *Semaine religieuse de Saint-Dié* (França), e, na sua tremenda simplicidade, consubstancia bem os efeitos da educação sem Deus.

«*Ha vinte annos*.—Um sacerdote, o snr P. Voignon, párocho de Escles, dirigindo-se a uma mãe de familia, numa choupana da sua paróchia:

—Senhora, mandai pois regularmente vosso filho á catechese: se o não fizerdes, ver-me-hei obrigado a não o admitir á Primeira Communhão.

—Oh! tanto peor:» responde a mãe «os carvalhos crescem muito bem no bosque sem catechese e sem Primeira Communhão.

—E tambem os bezerras nos seus curraes, pobre mulher.»

«*Em 1910*.—O filho, que não precisava de catechese nem de Primeira Communhão, esganou sua mãe, que lhe negava dinheiro para elle beber.

«Acaba de ser julgado, na sessão de setembro, pelo tribunal dos Vosgos, e condemnado á morte.»

Os leitores commentam á sua vontade. Em Portugal tambem Deus acaba de ser expulso da educação ministrada nas escolas officiaes. O resultado não se fará esperar.

«Dois poucos e dois muitos fazem mui depressa rico a um pobre: muita cubica e muita diligencia, pouca vergonha e pouca consciencia.»

Conde de Vimioso.

Anecdota histórica

CCXXII

Bellas palavras.—Passados cincoenta annos após a hora (18 de setembro de 1860) em que, nas collinas de Castelfidardo, o exercito de Lamoricère, formado pelo escol da mocidade catholica do mundo inteiro, regou com o seu sangue a terra sagrada do patrimonio papal, convem recordar, em luminoso feixe, as derradeiras palavras dalguns daquelles generosos defensores dos direitos da Igreja. Serám uma consolação para aquelles que soffrem pela mesma fé. Ellas pintam eloquentemente o estado daquellas almas heroicas. Os nomes dos que as pronunciaram estão escriptos no ceu, no livro da vida. Isto basta: não é preciso decliná-los aqui.

Dizia um a um amigo: «Não é necessario para mim viver; mas é necessario que a Santa Sé seja defendida.»

Outro a um amigo: «Acceita o ósculo de sangue que te envio ao deixar este mundo, emquanto não te dou o ósculo de paz no ceu, nossa pátria.»

Outro a um companheiro de armas: «Deixa-me morrer aqui; e volta para o teu posto cumprir o teu dever.»

Outro a um soldado piemontês, seu vizinho no hospital, que se compadece dos seus soffrimentos: «A mim não é que deves lastimar; mas sim a ti, que pegaste em armas contra o Papa, teu pae, e contra a Santa Igreja, tua mãe.»

Outro a um amigo: «Quanto sou feliz em ter sido o primeiro em derramar o meu sangue pela Santa Sé!»

Outro a um parente: «Se a nobreza impõe deveres, o titulo de filho de Jesus-Christo ainda os impõe maiores. E' tempo de provar ao mundo que sabemos sacrificar tudo aos nossos princípios.»

Outro a um tio: «Deus concedeu-me a vida: eu lha sacrificio. Ella pertence-lhe: digne-se elle

de a aceitar. Elle conhece as intenções que me dirigem: não é o interesse nem a ambição. Sei que elle mas tomará em conta. Entrego-me á sua misericórdia, e cumpro o meu dever.»

Outro a um irmão: «Sim, a vida é dura; mas eu sirvo o Papa: de nada mais preciso. Soffro com paciência, porque estou tam penetrado da ideia que aqui me trouxe, que não logram abater-me alguns soffrimentos.»

Outro a um primo, antes de deixar o tecto paterno: «Elles poderão ter o meu corpo; mas não terão a minha alma.»

Outro a um amigo que tenta demovê-lo da sua resolução: «Mas considera bem que, se eu morrer, serei martyr.»

Outro a um amigo: «Vou combater por um principio. Estou contente, porque não tenho mais do que uma ambição: a morte no campo de batalha.»

Outro a um camarada: «Não me lamentes. Se eu morrer, irei direito para o ceu.»

Outro a um parente: «Não tenho a pretensão de commandar aos outros, mas sim a de ser bom soldado do Papa, e, se for preciso, a de saber morrer por uma causa santa.»

Abençoados corações! Não desdizem da linhagem dos mártires. A sua memória edifica e dá alento.

«De tres mães mui formosas nascem tres filhas muito feias: da paz o ócio, da amizade o desprezo, da verdade o ódio.»

Hypaso Metapontino.

Curiosidades

Justiça americana.—Nos Estados Unidos tudo é pratico. Ha em toda a parte paes desnaturados, que se não importam de sujeitar seus filhos a crueis privações. Mas em quasi todas as nações esses paes, quando chegam a ser chamados aos tribunaes e punidos, soffrem penas variadas, mas pouco praticas para evitar a repetição do delicto. Os juizes dos Estados Unidos procedem doutro modo como acaba de provar um processo que deu echo, o qual foi julgado em Cleveland, no estado de Ohio. Certa mulher, desta cidade, fôra accusada de privar seu filho, de dezeseis annos de idade, do alimento sufficiente, deixando-o assim desfallecer a pouco e pouco. Que fez o tribunal? O seu primeiro cuidado foi mandar pesar o moço: pêsó = 120 libras. Depois o filho foi confiado a uma familia respeitavel, que se encarregou de tratar d'elle, dando-lhe de comer quanto elle quisesse. Dois meses depois, o tribunal mandou pesar de novo o rapaz. O seu pêsó subiu a 156 libras. Segunda decisão do tribunal: o moço foi restituído a sua mãe; mas os juizes proferiram uma sentença que a obriga a prestar a seu filho todos os cuidados e o alimento sufficiente para que o seu pêsó não desça de 150 libras, pêsó médio. No caso de ella assim não cumprir, será processada e condemnada segundo a graveza do delicto.

Goisa rara.—Que tal achas o meu retrato?—Muito parecido: devia ser algum estantâneo!...—Por quê?—Porque ficaste com a bocca fechada!...

«A graça deve custar muito a quem a diz, e pouco áquelle a quem se diz.»

Conde de Castanheira.

No collegio

(Poesia recitada numa festa escolar por uma creancinha, pouco tempo antes admittida alumna do collegio).

Como tenro passarinho
Que está occulto no ninho,
Em quanto não vim p'ra cá,
Passei toda a minha vida
Ao pé da minha querida,
Da minha rica mamã.

Se não fosse a mamãzinha,
Com certeza que não vinha,
Que não vinha para cá...
Eu era tam descuidado,
Que até estava enterrado,
Se não tivesse a mamã.

Ai! quando ás vezes caia,
E ella a chorar me ouvia,
Vinha logo a correr:—«Ah!
Maguaste-te, amorzinho?
Que foi, que foi, Joãozinho?..
—Fui eu que caí, mamã.

—Fizeste um doi, minha vida?...
Punha-me os dedos na frida
Com tal jeitinho, que lá
Nem eu sentia o seu toque,
Nem o ardor do opodeldoc,
Mas os beijos da mamã.

Porém... deixei-a lá fora!
Pobre mamãzinha!.. Agora
Nem sei como ella estará!..
Ai! ás vezes, que saudade,
Jesus! que grande saudade
Que eu não tenho da mamã!

Mas tambem (penso commigo)
Quem não será meu amigo
Desde que eu vim para cá?
Todos o sam, é verdade...
E tenho então mais vontade
De estar aqui do que lá.

Aqui... tudo é caridade,
Eu bem sei que ninguem ha de
Vir fazer-me coisa má...
Se fizessem, noite e dia
Choraria,
Choraria
Com saudades da mamã.

Raphael Maria Fructuoso Carneiro.

«Mais honroso é fazeres-te nobre, do que nasceres nobre.»

Solon.

Litteratura

A jardineira dos mortos

(Conto)

Agosto, setembro, outubro passaram.

De porta em porta, Maria Anna ia muitas vezes de manhã, apenas acordado o sol, fazer a sua colheita de linho para fiar; e muitas vezes, depois de bem caída já a noite, lá se ia distribuir o que tinha fiado durante o dia.

A sua única distracção no trabalho era olhar para as suas flores. A horta agora era como um jardim: os primeiros vintens que a velha ganhara depois de estabelecida em sua nova choupana, haviam sido empregados, não em substituir o leito de palha e fetos, mas em comprar sementes de esporas, de volúbiles, de margaridas dobradas, de balsaminas, de cuidados, de asteros, de chrysanthemos ou de dáhlías.

Em roda della espessava-se o mysterio.

Ella mandava dizer missas por mortos que não nomiava. Ella vivia sempre silenciosa, absorta numa espécie de vida interior e de contemplação, que a não cansava.

Ninguém podia gabar-se de ter as suas amizades, ainda que a sua pobre bolsa e o seu cora-

ção, em caso de necessidade, estavam abertos para todos e principalmente para os mais pobres.

E sempre ella fiava, fiava sem descanso, quasi não interrompendo a tarefa senão para levar as suas flores não se sabia bem aonde, quando toda a gente tinha saído para os campos...

Aonde ia ella?... Só se soube no dia dos mortos.

Neste dia—mas, por assim dizer, só neste dia—os camponeses costumam ir ao cemitério para fazer uma oração sobre o túmulo dos seus... Pobres cemitérios, tam tristes e tam abandonados!...

O de S. Marçal, como os outros, tinha sido invadido pelas silvas e porervas ruínas; tinha cruzes a cair, pedras desconjuntadas, lousas onde os musgos roíam o nome dos mortos.

A terra não era movida senão pelo coveiro, quando abria uma sepultura nova, ou pelas aves do ceu, que esgaravatavam para desentocar os bichos.

Por isso, calculai a admiração que sentiu cada parochiano, ao encontrar, naquella dia 2 de novembro, as sepulturas tam limpas e floridas como um jardim. Por toda a parte crysánthemos às touças, simplices, duma antiga espécie, que só têm flores pequenas como as camomillas, mas que as têm aos ramalhetes e é tam carregada como as roseiras de maio. Por toda a parte grandes dahlías de veludo amarelo, ou rosado, ou de côr de rubim. Por toda a parte asteros dum azul velado de cinza à roda do seu coração de oiro.

E as mais esquelidas sepulturas, aquellas sobre que talvez ninguem veiu jámais curvar-se desde que foram abertas; as anónimas, que não têm cruz nem nome, em volta das quaes já se não sente de nenhum modo o pouco de vida que a memória lhes dá, sam hoje as mais floridas.

Quem é a causa deste milagre?... Quem é que se fez jardineiro dos mortos?...

Uns suspeitam do coveiro, outros do sacristão, outros de tal ou tal beata da aldeia. Mas a Martinha e a Rosália, duas costureiras, que tinham visto muitas vezes a velha passar debaixo da sua janella, levando flores e seguindo o caminho do cemitério, comprehenderam agora, e vam de grupo em grupo, dizendo:

—E' Maria Anna!...
E todo o dia, depois da procição do cemitério, é uma procição de mulheres para casa da Maria Anna.

A velha fiandeira deixara naquella dia a roca. Assentada deante da porta, deante do jardim agora sem flores, com a saúde na alma e o rosário nos dedos, recebe, com o mesmo semblante grave, traspasado de melancolia e de paz, todos os agradecimentos que os vivos lhe trazem em nome dos mortos.

—Deixai!... Deixai!... diz ella suavemente «Eu fiz isso pelos meus perigos do mar.»

Ninguem soube jámais ao certo a verdade, nem de que perigos de mar—pae, filho, marido, noivo?—se tratava. Daquelles túmulos abandonados teria ella feito, em seu triste sonhar e em seu pensamento, os túmulos que não possuía?

Os dias passaram: veiu o esquecimento. E a vida de Maria Anna continuou igualmente mysteriosa e occulta e occupada dos mortos, com as missas da igreja e as flores do cemitério.

Um dia, de manhãzinha, na pobre cabana, Maria Anna expirou em meio de suas flores.

As suas vizinhas, em agradecimento, cortaram todas as volúbeles, todos os cuidados, todas as margaridas do jardim, e cobriram de flores o esqueleto da pobre velha. Mas os ramos murcharam

depressa sobre o seu túmulo: duraram tanto como a lembrança da defunta durou no coração dos moradores de S. Marçal.

Sómente, na festa dos mortos que se seguiu, quereis saber o que succedeu?

Os pobres túmulos do cemitério haviam ficado outra vez ao abandono. Faltava Maria Anna para os visitar, para levantar as cruzes caídas, para lhes mexer a terra e os fazer florir.

Mas sobre a sepultura da velha fiandeira, em touças espessas, os chrysánthemos, as dahlías, os asteros misturavam o seu ouro, a sua púrpura, o seu rubim, o seu azul e o seu roxo... E o seu humilde quadrilátero de terra tinha juntamente a suavidade e o brilho dum ramallete em plena florecência, em meio de feixes de hervas loucas com as pontas amareladas.

Perante este novo espectáculo, todos perguntavam a si mesmos:

—Quem seria?... Quem viria plantar no túmulo de Maria Anna estas flores do outomno?...

Mas desta vez nem Martinha nem Rosália, cuja janella está, como outrora, sobre o caminho do cemitério, e que, como outrora, passavam a vida junto da vidraça, tinham visto coisa nenhuma. Não: ninguem no mundo se lembrara da pobre velha.

E então ninguem pôde duvidar de que fosse o reconhecimento dos mortos—o único que florece e dura—que tomara aquella forma. As pobres almas abandonadas, que as orações e a piedade da velha fiandeira haviam salvado, e cuja memória fôra companheira da sua desamparada vida, tinham por sua vez tecido aquella corôa...

...E a mim, para me lembrar della, basta-me ouvir os lamentos do dobre de finados, e os sinos a repetirem, nota por nota, as palavras do Apóstolo, das quaes os últimos annos de Maria Anna foram uma meditação viva: «Não queremos, meus irmãos, que vós ignoreis o que diz respeito aos mortos, a fim de que vos não entregeis à tristeza, como os outros homens que não têm esperança.»

Oremos pois pelos mortos.

Mimetor.

«Chorar os nossos próximos não é peccado; resignar-nos à sua perda é virtude; orar por elles é caridade. Oraí, irmãos, oraí!»

Bardesono.

Qual é a minha vocação

O que devo aconselhar ácerca da escolha do estado?

CONVERSAS

de Theophilo com um missionario

III

DO ESTADO RELIGIOSO

VI Conversa

DO EPISCOPADO E DA VOCAÇÃO ECCLESIASTICA.

O missionario.—Tenho-te dito, Theophilo, tudo o que diz respeito ao estado religioso. Quero dizer-te uma palavra sómente do estado de perfeição exercenda.

Theophilo.—Vós sabeis, meu Padre, com que cuidado eu recolho dos vossos labios os ensinamentos dos Santos Doutores.

O missionario.—O estado de perfeição exercenda é o episcopado. O episcopado e o estado religioso reúnem as condições que constituem o estado de perfeição segundo a doutrina de S. Thomás; porque um e outro impõem uma obrigação perpetua e contrahida com solemnidade de fazer obras de perfeição.

Theophilo.—Mas em que se distinguem um do outro?

O missionario.—O estado religioso é uma escola ou um exercicio que tende a fazer adquirir a perfeição áquelles que o abraçam; ao passo que o episcopado tem por fim principal occupar-se com zelo da salvação das almas.

Theophilo.—O estado dos bispos é mais perfeito do que o dos religiosos?

O missionario.—Sim certamente; mas apesar disso, no sentimento de Suarez, o desejo do episcopado não seria ordinariamente louvavel, não poderia ser aconselhado, nem tornar-se materia dum voto. «Parece presumptuoso, diz S. Thomás, querer mandar nos outros afim de lhes ser util.»

Theophilo.—Os sacerdotes que têm cargo de almas estão num estado de maior perfeição que os religiosos?

O missionario.—Depois de ter citado um texto das leis da Igreja que permite a um sacerdote secular entrar numa casa religiosa, S. Thomás responde à pergunta: «Parece que os religiosos estão num estado mais perfeito que os padres que têm cargo de almas. De mais, pode dar-se que o mesmo homem tenha este cargo e seja religioso ao mesmo tempo. Além disso, quantos religiosos trabalham com zelo na salvação do proximo!»

Theophilo.—Qual destes dois estados pode o homem escolher de preferencia como sendo mais util para adquirir a virtude e obter a vida eterna?

O missionario.—«Sob este ponto de vista, não é duvidoso que o estado religioso seja melhor, mais perfeito e mais util que o encargo das almas, diz Suarez; por isso, entrando em religião, procede-se tanto mais prudentemente quanto mais voluntariamente isso se faz; ao contrario, acceta-se o cargo das almas com tanta mais segurança quanto menos elle se busca.» Os santos temerám sempre o fardo do cargo das almas, e um grande numero dentre elles suspiravam pela felicidade de entrar em religião. «O estado dos padres seculares é menos seguro que o estado religioso: ninguem o negará, diz ainda Suarez, porque elles estão lançados no meio das tempestades e do bulicio do mundo.

Theophilo.—Deus não exige talvez delles tanta perfeição.

O missionario.—Não é assim, Theophilo. Sem duvida, um religioso que é padre e tem cargo de almas é obrigado à perfeição como um padre secular, e além disso deve observar os seus votos; mas «um padre secular é obrigado a ter mais perfeição interior que um religioso que tivesse feito votos sem ser sacerdote; é o ensinamento de S. Thomás. Em egualdade de circunstancias, o clérigo que, estando nas sagradas Ordens, fizesse um acto contrario à santidade, peccaria mais gravemente que um religioso que não está nas Ordens.»

Theophilo.—E' preciso pois ter disposições mais perfeitas para ser admittido ás santas Ordens do que para entrar no estado religioso?

O missionario.—Isso não é duvidoso. Deve-se permittir muito mais facilmente entrar em religião aos peccadores arrependidos, como o ensina S. Thomás: é até muito meritorio exhortar os outros a abraçar a vida religiosa, porque é ella o estado mais seguro para a salvação, o que afasta melhor aos perigos; ao passo que a respeito do sacerdotio S. Ligorio falla de modo muito diverso.

Theophilo.—Havei por bem citar-me as suas palavras.

O missionario.—Ei-las: «Se um mancebo quer abraçar o estado de sacerdote secular, o confessor não seja facil em lho permittir, a não ser que tenha feito uma longa e conveniente experiencia da pureza de intenção desse mancebo... Os sacerdotes têm as mesmas, e até maiores

obrigações que os religiosos e ainda por cima ficam expostos aos perigos do mundo. Por isso é que, para que um sacerdote seja bom no seculo, é preciso que tenha levado, antes do seu sacerdotio, uma vida muito exemplar; sem isso, lançar-se-hia num muito grave perigo de condemnação.»

Theophilo.—Quaes sam pois, meu Padre, os signaes e as condições da vocação ás santas Ordens?

O missionario.—Sam ter a sciencia conveniente ou a capacidade necessaria para a adquirir; seria uma falta grave receber a ordenação com uma ignorancia que tornasse incapaz de exercer as funções da respectiva Ordem.

Theophilo.—Uma vida boa não é ainda mais necessaria que a sciencia?

O missionario.—Certamente; a razão e a auctoridade dos Doutores provam que aquelle que é elevado à dignidade das santas Ordens não basta um estado de graça ordinario e actual: require-se além disso um estado de graça habitual e que exceda o nivel ordinario deste estado.

Theophilo.—O que, ao sair de habitos culpaveis, quisesse receber as Santas Ordens, peccaria gravemente?

O missionario.—Sim, regularmente fallando; e dever-se-lhe-hia de ordinario recusar a absolvição, ainda quando elle tivesse contrição das suas faltas, se não promettesse não avançar para as Ordens, sem ter feito da sua virtude experiencia de alguma duração; é o ensinamento de S. Ligorio: ao passo que, para abraçar o estado religioso, já o dissemos com S. Thomás, esta experiencia não é necessaria, visto que a vida religiosa ajuda a adquirir a virtude que falta: E note-se bem, no momento em que S. Thomás ensinava esta doutrina, ainda não tinha sido estabelecido pela Igreja o noviciado, e fazia-se profissão perpetua nas grandes Ordens, desde que se tomasse o habito.

Theophilo.—Ha outras disposições requeridas para entrar sem temeridade no estado ecclesiastico?

O missionario.—Sim, Theophilo; é preciso emfim ter uma intenção recta, isto é, desejo de trabalhar pela gloria de Deus e interesses pessoas.

Theophilo.—Aquelle que não reúne estas condições e se ingerisse nas Ordens sem o chamamento dos superiores ecclesiasticos peccaria gravemente?

O missionario.—Sim; não é duvidoso. Todavia, para que aquelle que deve ser ordenado seja isento de falta, basta que, tendo uma intenção recta e não estando certo de não ter sido nunca chamado por Deus, se apresente ao bispo afim de ser examinado e provado por elle.

Theophilo.—Quando um mancebo reúne os três principaes signaes da vocação ecclesiastica, é uma obra meritoria subministrarlhe os meios de seguir a sua vocação?

O missionario.—Seguramente, Theophilo. Felizes os paes que educam os filhos na piedade e temor de Deus e lhes inspiram o desejo de se fazerem santos sacerdotes! Felizes os pastores das almas que escolhem nos seus rebanhos a parte melhor, mais pura, para a dar a Deus, tendo em menos conta os talentos que a virtude! Felizes tambem as almas generosas que empregam o superfluo em pagar a pensão dum jovem pobre!

Theophilo.—Não é sempre facil achar os recursos necessarios para isso.

O missionario.—Têm surgido obras admiraveis, que têm por fim preparar os jovens ao mesmo tempo para a vida religiosa e para o sacerdotio, e nas quaes tu podes fazer admittir os individuos de grande esperanza que encontras.

Eu te tenho exposto, Theophi-

lo, o que mais importava conhecer a respeito da natureza e das vantagens dos diversos estados da vida.

Noticiario

Ordenação.—Sua Ex.^{ma} Rev.^{ma} o Senhor Arcebispo Primás dará no dia 17 de dezembro proximo ordenação de Subdiacono, Diacono e Presbytero a todos os ordinandos que requererem admisión até ao dia 26 do corrente.

Os exames terão logar na Relação Ecclesiastica no dia 9 e 10 de dezembro.

Contribuições.—Foi prorogado até ao fim do corrente mês de novembro o prazo para o pagamento voluntario das contribuições em dívida ao estado, ficando suspensas, por isso, as execuções instauradas.

Escolas de S. Francisco.—Hontem, pelas 9 horas da manhã, abriram-se as escolas do sexo feminino da V. O. T. de S. Francisco, desta cidade, sendo nomeada professora a snr.^a D. Maria Marques Guimarães, senhora competentemente habilitada com o curso da escola normal e que nos dizem ser zelosa e intelligente.

Foram tambem nomeadas duas ajudantes para a mesma escola.

Sessão camararia.

—Na ultima sessão camararia, foi resolvido, entre outras coisas:

Que o vereador do pelouro respectivo fosse encarregado de syndicar a forma como funciona e tem funcionado a escola municipal nocturna e proponha as providencias que entender convenientes a bem da instrucção. Aprovado.

Que no orçamento de 1911 seja inserida a verba de 300,000 reis, destinada ao custeio de banhos de mar a creanças pobres. Aprovado.

Que no orçamento de 1911 se destine uma verba de 500,000 reis para a criação de cantinas escolares. Aprovado.

Que a rua da Rainha passe a denominar-se rua da Republica, que o largo Franco Castello Branco se chame Campo da Misericórdia, a rua de D. Luiz I passe a denominar-se rua 5 de Outubro, a Avenida do Commercio se denomine Candido dos Reis, a Avenida da Industria passe a chamar-se Miguel Bombarda, rua da Alegria, rua da Liberdade, rua da Caldeira, rua Trindade Coelho, Santa Maria, rua Elias Garcia, Santo Antonio, 31 de Janeiro.

A distribuição dos pelouros fez-se da seguinte forma:

Viação, obras, hygiene e Tappas—Julio Antonio Cardoso.

Limpeza da cidade, feiras e mercados—Manuel Caetano Martins.

Agua, instrucção, baldios, congruas, illuminação, incendios e fazenda—Mariano Felgueiras.

Expostos e Vizella—Manuel Ferreira Guimarães.

Policia, cemiterio, jardins e arvoredos—José Ribeiro de Freitas.

Matadouro—José Rodrigues Leite da Silva.

Serviço militar.

—Os mancebos que foram julgados aptos para o serviço militar nas ultimas inspecções, devem apresentar-se nos regimentos a que foram destinados desde o dia 8 a 12 do mês de novembro.

No PENSIONATO ACADEMICO

Rua de S. Domingos, 19

Dam-se explicações e leccionam-se todas as disciplinas do curso dos lyceus, incluindo o 6.º e 7.º anno.



OFFICINA DE ENCADERNAÇÃO, PAPELARIA E LIVRARIA

— DE —

Antonio Luis da Silva Dantas

Rua de Payo Galvão — Guimarães

Na officina typographica, montada com cerca de 240 collecções de tipos, machinismo aperfeiçoado e pelos modernos processos da arte, executam-se, com nitidez e perfeição, todos os trabalhos, taes como: obras de livro e jornaes de grande e pequeno formato; participações de nascimento, casamento e obito; circulares, memoranduns, facturas, enveloppes e todos os demais impressos para commercio; mappas, mandados de pagamento, talões e varios outros impressos para repartições publicas civis, ecclesiasticas e militares; rotulos para pharmacia; etiquetas para fabricas e estabelecimentos de fazendas e ferragens; programmas e bilhetes para espectaculos, etc., etc.

Impressões a côres, ouro, prata e chromotypographia.

ESPECIALIDADE EM CARTÕES DE VISITA DE DIVERSAS QUALIDADES E FORMATOS

Na Officina de encadernação executam-se todos os trabalhos concernentes á arte, com perfeição e segurança, para o que possui escolhido material vindo expressamente do estrangeiro e pessoal habilitado.

Na papelaria encontra-se um variado sortido de papeis almaços, finos e de impressão, nacionaes e estrangeiros, objectos de escriptorio, caixas de papel de phantasia em diversos formatos, livros em branco, para commercio, cartão fino e papelão em folha, etc., etc.

Encarrega-se da execução de GRAVURAS EM MADEIRA, EM ZINCO E COBRE, pelos processos chimicos, e de CARIMBOS DE BORRACHA, para o que está em correspondencia directa com os mais habéis gravadores e fabricantes.

PREÇOS RASOAVEIS

Trabalhos perfeitos e rapidos

No mesmo estabelecimento encontram-se em exposição imagens religiosas, da casa EL ARTE CRISTIANO—Olot, (Gerona), de cartão madeira, (materia privilegiada por um decreto da Sagrada Congregação de Indulgencias e Sagradas Reliquias), assim como estampas para lembrança da primeira communhão e catechese, que se vendem por preços muito economicos.

As edições desta casa encontram-se á venda em S. Paulo (Brazil), no Centro de Propaganda Catholica, de Campos & C.^a, R. de S.^{ta} Thereza, 20.

BIBLIOTHECA RELIGIOSA

Obras editadas pela empreza de «A RESTAURAÇÃO» e á venda na Papelaria annexa á Typ. Minerva Vimaranesse—Rua de Payo Galvão.

Recordação de meus estudos

Pelo auctor do *Método para formar a infancia na piedade*. Accomodação portuguesa do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

1.^a série—Um vol. de 46 páginas em 4.^o:
Preço 50 reis
Pelo correio 60 "

2.^a série—Um vol. de 50 páginas em 4.^o:
Preço 50 reis
Pelo correio 60 "

Os beneficios da confissão

Por F. J. d'Ezerville, accomodação portuguesa do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

Um vol. de 60 páginas em 8.^o:
Em brochura 50 reis
Cartonado 100 "

As Bem-aventuranças evangelicas

Postas ao alcance de todos

Pelo Padre Deville, Doutor em theologia. Traducção do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

Um vol. de 64 páginas em 8.^o:
Em brochura 50 reis
Cartonado 100 "

Conselhos sobre a educação

Segundo o Veneravel Sarnelli. Accomodação portuguesa do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

Um vol. de 112 páginas em 8.^o:
Em brochura 100 reis
Cartonado 160 "

Por que não haveis de commungar todas as manhãs em que ides á missa?

Opúsculo altamente louvado por sua Santidade Pio X e traduzido pelo Padre José Lopes Leite de Faria, Professor no Seminario-Lyceu de Guimarães. 2.^a edição auctorizada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Arcebispo Primás.

Um folheto de 32 paginas, em 8.^o
Avulso **30 rs.** franco de porte.

Para propaganda, por cada 10 exemplares, remetidos pelo correio, 225 reis. Sendo o pedido de 100 exemplares, inclusivé, para cima, faz-se o preço de 20 reis cada um, franco de porte.

Officio da Immaculada Conceição

Texto portugues, com approvação ecclesiastica.

Um folheto de 32 páginas, em bom papel:
Preço 20 reis
Pelo correio, por cada 5 exemplares 10 "

VARIAS OUTRAS OBRAS

Á venda na mesma casa:

Vida de S. Luis Gonzaga

Modelo e protector da mocidade catholica

Um vol. de 50 páginas, com uma linda capa illustrada que o torna recommendavel para premios á juventude:
Preço 30 reis
Pelo correio 35 "

A Dictadura

Por Joseph Viaud, Ensaio de philosophia social.

Um volume de 116 páginas, formato elegante:
Preço 250 reis
Pelo correio 270 "

Burgueses e operarios

Dialogo entre um socialista e um homem de bem

(Versão do francês)

Um volume de 118 páginas em formato elegante:
Preço 80 reis
Pelo correio 90 "

Encarrega-se de mandar vir da LIVRARIA CATHOLICA PORTUGUESE, Centro de Propaganda religiosa em Portugal e Brazil, qualquer obra annunciada no seu catalogo.

ÁLEM DOS LIVROS MENCIONADOS HA MAIS:

Bilhetes postaes illustrados

Colloridos, e em preto, variedades de gostos e preços a começar em 20 reis.

Collecções da estancia thermal de Vizzella composta de 14 exemplares, com 17 vistas escolhidas, optimo cartão e nitida impressão, a 150 reis.

Collecções dos mais importantes monumentos, paysagens, avenidas, jardins, associações, etc., etc., da Cidade de Guimarães e da Penha, compostas de 30 exemplares, a 500 reis.

Albums illustrados

Com as mesmas 30 vistas dos postaes, lindamente cartonados, a 500 reis.

Bilhetes postaes de propaganda religiosa

Com diversas imagens. Preço de cada um, 5 reis.

Em series de 20 ou mais exemplares sortidos, faz-se a remessa franco de porte

Todas as requisições devem ser dirigidas a Antonio Luis da Silva Dantas e acompanhadas da respectiva importancia, em estampilhas de 25 reis ou vale postal, sem o que não serão attendidas.

A RESTAURAÇÃO

SEMANARIO CATHOLICO

Preço da assignatura

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Anno 1\$300 rs.
Semestre 650 "
Trimestre 350 "
Numero avulso 30 "

Preço das publicações

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Annuncios e communicados, linha 40 rs.
Repetição, por linha 20 "
Reclamos, até 5 linhas 100 "

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Antonio Luis da Silva Dantas, director e administrador de A Restauração.

Os srs. assignantes gosam o desconto de 25 % em todas as suas publicações.

As obras litterarias, quando o mereçam, annunciam-se em troca de um exemplar.

O Coração de Jesus

SEGUNDO A DOCTRINA

DA

Beata Margarida Maria Alacoque por um oblato de Maria Immaculada, cappellão de Montmartre.

Traducção de R. F.

Introducção do Padre J. S. Abranches

Pedidos á Administracção do *Novo Mensageiro*, Rua do Quelhas, 6, Lisboa. Preço: um volume de 316 páginas, largamente illustrado, 300 reis; pelo correio, 340 reis.

A RESTAURAÇÃO

6.^o anno

SEMANARIO CATHOLICO

N.^o 299

Ex.^{mo} Snr.